

# John Dewey e a Educação Para uma Sociedade Democrática

Ireneu Aloisio Schmidt<sup>1</sup>

## Resumo

---

O presente artigo destaca as ideias de John Dewey sobre a importância da educação para a continuidade dos grupos sociais e para a reconstrução e reorganização da sociedade democrática, priorizando o *aprender fazendo* e combinando prática, teoria, vida-experiência-aprendizagem em um processo permanente. É uma pesquisa bibliográfica sobre uma teoria geral da educação fundada na democracia que vê a educação como uma reconstrução e reorganização da experiência para um mundo em mudança, ou seja, como um processo geral, uma necessidade de vida ou um recurso de transmissão do patrimônio cultural acumulado pelo grupo social a seus descendentes, representando, também, ao nosso ver, a influência pragmatista mais marcante e significativa no Brasil, principalmente através de Anísio Teixeira.

**Palavras-chave:** Educação. Vida-experiência-aprendizagem. Sociedade democrática. Civilização em mudança.

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação nas Ciências e professor da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), campus de São Luiz Gonzaga – RS. irealo@viacom.com.br

## JOHN DEWEY AND THE EDUCATION FOR A DEMOCRATIC SOCIETY

### Abstract

---

This text points out the ideas of John Dewey on the importance of education for the continuity and existence of social groups and the reconstruction and reorganization of a democratic society, emphasizing learning by doing and combining practice, theory, life-experience-learning in a permanent process. It is a literature search on a general theory of education based on democracy which considers education as a reconstruction and reorganization of experience to a changing world, or as a general process, a necessity of life or a form to translate estate inheritance culture accumulated by the social group to their descendants, representing, also, in our view, the pragmatist influence most striking and significant in Brazil, mainly by Anísio Teixeira.

**Keywords:** Education. Life-experience-learning. Democratic society. Civilization-changing.

John Dewey foi um convicto defensor da sociedade democrática e sua teoria da educação é entendida como reconstrução e reorganização contínua da experiência, ligada à teoria da investigação, à teoria dos valores e à teoria da democracia, visando a aumentar a consciência dos vínculos entre as atividades presentes, passadas e futuras, nossas e alheias, e a aumentar a capacidade dos indivíduos para dirigir o curso da existência (Reale; Antiseri, 1991, p. 514).

Na Universidade de Colúmbia, em Nova York, onde John Dewey e William Kilpatrick foram professores de Filosofia e de Filosofia da Educação, segundo Anísio Teixeira, “costuma-se dizer, numa dessas generalizações felizes de estudantes, que Dewey diz o *que* se deve fazer e Kilpatrick o *como* se pode fazer em educação” (Teixeira, 1978, p. 32). O fato é que as obras dos dois autores são, em muitos aspectos, complementares, por isso parece relevante aproximar a teoria de educação que ambos propõem. Daí que o presente texto, embora se centre nas obras *Democracia e educação* e *Vida e educação*, de John Dewey, vale-se também da *Educação para uma Civilização em Mudança*, de William Kilpatrick. E a característica mais acentuada que marca todos os discursos inspirados na Filosofia deweyana é a de que os valores fundamentais do homem e da vida social no campo educacional parecem não ser dados *a priori*, mas buscados na situação de um mundo em permanente mudança e voltados para a vida democrática.

Para John Dewey, segundo Marcus Vinícius da Cunha (1998, p. 13), a educação e a Filosofia constituem um todo indivisível. Sua Filosofia destina-se a refletir sobre a atividade docente e pretende contribuir para a renovação da forma rotineira e arcaica que normalmente marca a tarefa de ensinar. Nesta perspectiva Bryan Magee, em sua *História da Filosofia* (1999, p. 191), destaca que Dewey via a educação como reconstrução e reorganização da experiência, visando a aumentar a consciência dos vínculos entre as atividades presentes, passadas e futuras, nossas e alheias, ampliando a capacidade dos indivíduos para dirigir o curso da experiência futura. Defendia a ideia de que a educação das crianças devia basear-se na abordagem da solução de problemas, ou seja,

*aprender fazendo*, porque ela combina ser prático com tomar ciência da importância da teoria, encorajando as crianças a serem imaginativas em ambos os níveis e tornando-as competentes em todos os campos da atividade humana. Suas ideias sobre educação tornaram-se mundialmente influentes, pois no tempo em que começou a escrever sobre educação esta ainda era vista quase em toda parte como algo imposto às crianças por meio de disciplina rígida e contra sua vontade. Os métodos de Dewey de aproveitar as energias naturais das crianças para desenvolver o processo educacional surtiram efeitos extraordinários.

Favorável a mais ciência e menos literatura na educação, Dewey não demonstra muito interesse pela educação liberal – expressão originariamente empregada para indicar a cultura do homem livre e da educação adequada à classe ociosa da aristocracia. A educação deweyana, ao contrário, está voltada para a vida industrial e democrática, em que a escola deve ser uma oficina em miniatura ou uma comunidade reduzida, na qual a educação não se exerce como mero preparo para a maturidade, mas sim como apoio ao desenvolvimento do espírito e da incessante reconstrução da experiência. Uma de suas obras mais importantes é, sem dúvida, *Democracia e educação*, da qual emergem as principais linhas de sua Filosofia voltada à tarefa de desenvolver uma geração melhor de homens cujos aspectos mais significativos examinaremos a seguir.

Em *Democracia e educação* John Dewey trata a educação simultaneamente como uma necessidade e como uma função social, delineando seu aspecto geral como processo por meio do qual os grupos sociais procuram manter a continuidade de sua existência. Começa sua obra caracterizando analiticamente o processo educacional como essencialmente humano e afirmando que a função social da educação varia conforme o grupo social em que está inserida, para centrá-la depois dentro de uma realidade concreta que é a sociedade democrática e em mudança permanente (progressiva). Ou como ele próprio a caracteriza: “A educação é o processo da renovação das significações da experiência, por meio da transmissão, acidental em parte, no contacto ou no trato ordinário entre os adultos e os mais jovens, e em parte intencionalmente instituída para operar a continuidade social” (Dewey, 1959, p. 354).

Dewey enfatiza a função social da educação como um processo de direção e de desenvolvimento dos indivíduos mais jovens pelos mais velhos em qualquer agrupamento humano, desde os primitivos, no sentido de simultaneamente conservar e renovar a ordem social em que se encontra. Critica, igualmente, determinadas concepções pedagógicas tradicionais e afirma que suas ideias sobre a educação resumem-se formalmente na concepção da contínua reconstrução da experiência, concepção que se distingue da educação como preparação para um futuro remoto, como desdobramento, como formação externa e como repetição do passado (p. 86). Considera a educação como um processo geral, uma necessidade de vida ou um recurso de transmissão do patrimônio cultural acumulado pelo grupo social a seus descendentes. A espécie de educação apropriada a uma sociedade democrática é concebida por Dewey como “uma reconstrução ou reorganização da experiência, que esclarece e aumenta o sentido desta e também a nossa aptidão para dirigirmos o curso das experiências subseqüentes” (1959, p. 83).

Dewey aborda assuntos relacionados ao processo educativo – objetivos da educação, conhecimento, pensamento, aprendizagem, métodos educacionais e as matérias de estudo do currículo relacionando-os com sua concepção de sociedade democrática. Afirma que a educação varia de acordo com o grupo social a que se refere e que em uma sociedade democrática existe maior reciprocidade, interesse e cooperação entre seus membros e grupos sociais que a integram. No seu caso, a teoria pedagógica ou processo educativo que aborda é voltado para a educação realizada dentro de uma sociedade democrática já existente ou que efetivamente visa a se constituir em uma democracia por meio da educação.

Anísio Teixeira, na Apresentação da tradução da obra *Democracia e Educação*, de John Dewey (1959, p. IX, XI), lembra que:

A teoria simplista e tão largamente utilizada e explorada pelos seus inimigos, de que a democracia é mera forma de governo e forma de governo que falhou ou vem falhando, fica inteiramente destruída com a compreensão ampla e profunda que transmite Dewey da verdadeira democracia. [...] Dewey é,

hoje, considerado no mundo como o filósofo da democracia. Coube a ele desenvolver o ideal democrático, diante das condições modernas da ciência e do mundo.

A democracia, para Dewey, mais do que uma forma de governo, é uma forma de vida associada; de experiência conjunta e mutuamente comunicada: “uma sociedade é democrática na proporção em que prepara todos os seus membros para com igualdade aquinhoarem de seus benefícios e em que assegura o maleável reajustamento de suas instituições por meio da interação das diversas formas da vida associada” (1959, p. 106). E essa sociedade deve adotar um tipo de educação que propicie aos indivíduos um interesse pessoal nas relações e direção sociais e hábitos de espírito que permitam mudanças sociais sem ocasionar desordens. Ou seja, construir ou aprimorar a sociedade democrática por intermédio da educação.

Marcus Vinícius da Cunha, escreve:

Dewey não está propondo um método de ensinar qualquer, não está falando do pensamento do aluno como ser humano genérico ou das matérias de estudo situadas num e noutro espaço político, mas sim do método adequado a uma sociedade que deseje educar seres humanos para a vida associada, do pensamento como instrumento da experiência livremente compartilhada e das matérias de ensino como depositárias desta mesma experiência (2002, p. 2).

No que tange aos objetivos ou fins da educação em uma comunidade democrática, o primeiro problema a resolver é definir a natureza de um objetivo que exista no interior de uma atividade em vez de lhe ser exteriormente fornecido. A ideia de sociedade democrática só se pode aplicar, segundo Dewey (1959, p. 108-109), a todos os membros quando há mútua cooperação entre os homens e quando existem convenientes e adequadas oportunidades para a reconstrução dos hábitos e das instituições sociais por meio de amplos estímulos decorrentes da equitativa distribuição de interesses e benefícios, ou seja, uma sociedade verdadeiramente democrática. No seu processo educativo, portanto, não interessa encontrar um fim exterior ao mesmo e ao qual a educação esteja subordinada, eis que toda sua concepção de educação para

uma sociedade democrática o proíbe. Por isso, dado que os objetivos ou fins se relacionam sempre com a natureza dos resultados, o primeiro detalhe a ser considerado para saber se existem objetivos é a continuidade intrínseca do trabalho ou atividade em questão. Caso seja mera série de atos justapostos, não se trata de fins. Daí que:

Falar-se em objetivo ou fim da educação quando quase todos os atos de um discípulo são impostos pelo professor, quando a única ordem na seqüência de seus atos é proveniente das lições marcadas e das direções dadas por outrem é absurdo. Como se torna igualmente ridículo falar-se em fins ou objetivos quando se permite a atividade caprichosa ou descontínua, sob o pretexto da manifestação espontânea da personalidade. Um objetivo ou um fim importa em atividades seriadas e ordenadas, atividades cuja ordem consiste no progressivo completar-se de um processo.[...] Por essa causa é disparate falar-se em objetivo da educação – ou de outra qualquer empresa – se as condições não permitem a previsão dos resultados e nem incitarem uma pessoa a encarar o futuro, procurando prever as conseqüências de determinado modo de proceder (Dewey, 1959, p. 110).

O segundo aspecto a considerar é o fato de que o objetivo, como fim previsto, implica dirigir a atividade e influenciar os passos a serem dados para o seu alcance no prazo estabelecido, pois agir com objetivos é agir inteligentemente, observando, escolhendo e ordenando as coisas e os nossos próprios atos ou aptidões em função dos mesmos. Resulta, então, que os fins da educação não devem ser procurados fora do processo educativo, pois eles são o próprio processo educativo. O objetivo da educação para o autor é mais educação e mais democracia, que habilitem os indivíduos a continuar sempre mais sua educação, permitindo-lhes desenvolver-se permanentemente. Em outros termos, os fins educacionais de uma sociedade democrática são aqueles já definidos por essa sociedade que deseja não apenas manter, mas também ampliar mais essa experiência compartilhada, com liberdade e igualdade para todos, fato que, segundo o autor, certamente implica limitações à individualidade infantil. O projeto educacional democrático é entravado, considera Dewey, por dualismos que resultam das “divisões da sociedade em classes e grupos mais ou menos rigidamente demarcados” (1959, p. 355). Exemplos desses

dualismos são os existentes entre o homem e a natureza, o trabalho e o lazer, a vida e os estudos, a atividade prática e a atividade intelectual, a cultura erudita e a preparação profissional, a individualidade e a associação, e que necessitam ser superados.

Aliás, a propósito dos dualismos, um interessante exemplo do modo como Dewey conduz seu raciocínio é a análise que faz, segundo Cunha, na segunda e terceira partes de *Democracia e educação*, da segregação entre trabalho e lazer, pois ao abordar a importância da introdução de jogos e brincadeiras na educação, subordinados aos conteúdos das matérias escolares com o intuito de obter resultados intelectuais e sociais para a vida social,

Dewey posiciona-se contrariamente à intenção de usar tais atividades como preparação utilitária para o trabalho, porém conclui que, em última instância, o jogo e o trabalho não são coisas assim tão contrárias, posto que o contraste entre elas deve-se exclusivamente às “indesejáveis condições sociais” em que o trabalho se dá e não a uma oposição essencial entre ambas. Trabalhar e jogar ou brincar são atividades que, no fundo, guardam muita semelhança. [...]. Ocorre que, como já assinei, na segunda parte do livro os temas ainda não são conduzidos de modo a colocar o leitor diante dos impedimentos à realização da educação democrática, como feito na terceira parte. Ali, Dewey situa os assuntos no âmbito de um modo de vida já democrático, vida compartilhada, cooperativa, cuja abrangência da definição permite compreender que trabalho e lazer possam assemelhar-se em aspectos estruturais e motivacionais (Cunha, 2002, p. 2).

Quando esse tema é analisado em relação aos impedimentos do modo de vida democrático resultantes da fragmentação da sociedade em classes sociais, Dewey explicita que o trabalho e o lazer na verdade constituem práticas antagonicas por serem distribuídas de forma desigual entre os integrantes de uma comunidade, a ponto de uns terem de trabalhar para sobreviver e outros não. Por isso, enquanto tal situação persistir, continuaremos – segundo ele – a conviver com dois tipos de educação: uma que serve mais para o ensino de atividades mecânicas ou treinamento para o trabalho mecanizado e desumanizador, e outra, destinada ao exercício da inteligência e da razão. Ou seja, a primeira é para os que trabalham e produzem e a outra para

os que usufruem e aproveitam os prazeres materiais e espirituais da vida. Para Dewey, a persistir esse panorama, nenhuma educação significativa será possível, mesmo que fundada nos mais belos discursos sobre o valor da experiência, sobre o uso da razão e sobre a vida democrática. Em outras palavras:

Será antes perda que proveito chegarmos a considerar a inteligência um meio de dominar a natureza por intermédio da ação, se nós permitirmos que perdure um estado ininteligente e de escravidão para aqueles que diretamente extraem utilidades da natureza, deixando a inteligência que os dirige ser privilégio exclusivo dos distantes cientistas e capitães da indústria (Dewey, 1959, p. 281).

Dewey, portanto, não vê outra saída para as questões que afligem a educação a não ser no desenvolvimento de uma sociedade verdadeiramente democrática, isto é, uma “sociedade em que todos tomem parte em serviços de utilidade prática e todos desfrutem nobres ócios” (1959, p. 282). Entende, pois, como imoral um sistema de educação que visa unicamente a habilitar o indivíduo para o trabalho, que exclui o trabalhador das finalidades do mesmo, fazendo que suas ações façam parte apenas dos objetivos de outrem. No entendimento de Cunha (2002, p. 2), os três capítulos finais de *Democracia e educação* passam a cumprir a finalidade inscrita no subtítulo da obra – Introdução à Filosofia da Educação – e que é apresentar uma nova concepção filosófica para dar conta do fenômeno educacional na perspectiva pragmatista deweyana.

A discussão promovida por Dewey em *Democracia e educação* começa mostrando a educação como uma nova realização essencialmente humana para, depois, chegar a uma análise crítica desta realização em um determinado ambiente concreto – que é o modo de vida de uma sociedade democrática –, para só então examinar o problema em termos especificamente filosóficos traduzidos em sua Filosofia da Educação, na última parte do livro, envolvendo a distinção entre Filosofia e Ciência, as teorias do conhecimento e as teorias da moral.

Concordamos com Cunha (2002, p. 5) quando afirma que Dewey propõe uma Filosofia educacional capaz de colocar o processo educativo a serviço da transformação do mundo. Fato que só pode ser alcançado por intermédio de uma Filosofia intimamente ligada à experiência dos homens neste mesmo mundo, capaz de dar conta dos valores aqui produzidos e aptos a projetar os valores que a humanidade deseja ver concretizados. Por isso, os problemas da educação, para Dewey, têm solução apenas em uma sociedade verdadeiramente democrática, não marcada por profundas diferenças entre as classes sociais. Dewey, no entanto, não se apresenta como adepto da transformação revolucionária da ordem social pela tomada do poder pelas classes oprimidas. A revolução que ele propõe é a revolução educacional, possível de realizar-se por meio de uma Filosofia que leve em conta a experiência humana, e realizável somente em uma sociedade democrática já existente ou que esteja em vias de buscá-la.

Concebe, pois, a educação como uma permanente organização ou reconstrução da experiência que, sendo um processo ativo, é sempre completado pelos períodos subsequentes. Aliás, a expressão escola-ativa empregada por ele parece refletir de forma sintética essa concepção, até porque contrapõe aos estudos meramente intelectuais a experiência que produz o conhecimento que, por sua vez, é produto da ação. Por conseguinte, contrário à concepção tradicional que separa o conhecimento da atividade. Daí que Anísio Teixeira, interpretando a Filosofia da Educação de Dewey, escreve:

O mundo em que vivemos é essencialmente precário e indeterminado, mas o esforço humano conta, como fator predominante, no destino que esse mesmo mundo pode tomar. O homem refaz o mundo pelo seu esforço. Presentemente, esse esforço ganhou tal intensidade que tudo está a se refazer com velocidade que nos custa, às vezes, aprender.

Nesta civilização em perpétua mudança, só uma teoria dinâmica da vida e da educação pode oferecer solução adequada aos problemas novos que surgem e que surgirão.

É tal teoria, adaptada às duas grandes forças que estão moldando o mundo moderno – democracia e ciência – que a filosofia de John Dewey buscou traçar (Teixeira, 1978, p. 41).

Resta claro que a teoria da educação de John Dewey – esboçada de forma mais explícita na obra *Vida e educação* – está subordinada à premissa democrática que fundamenta a própria filosofia social desse pensador e caracteriza a educação como reconstrução contínua da experiência, que nos próprios termos de Dewey corresponde ao agir de um corpo sobre outro corpo e o sofrer de outro corpo uma reação. Neste sentido, portanto, longe de ser um atributo puramente humano, a experiência alarga-se à atividade permanente de todos os corpos, uns com os outros. Agir e reagir que ganham uma amplitude ainda maior no plano humano, pois, além da escolha, preferência e seleção possíveis no plano puramente biológico, alcançam a reflexão, o conhecimento e a reconstrução. Neste sentido a experiência humana anterior é um modo de existência da natureza que fornece material e direção para as experiências atuais, resultando ser a vida nada mais que um tecido de experiências de toda espécie ou uma longa aprendizagem, uma vez que não podemos viver sem estar constantemente sofrendo e fazendo experiências. Em consequência:

A experiência educativa é, pois, essa experiência inteligente, em que participa o pensamento, através do qual se vêm a perceber relações de continuidade antes não percebidas.

Todas as vezes que a experiência for assim reflexiva, isto é, que atentarmos no antes e no depois do seu processo, a aquisição de novos conhecimentos, ou conhecimentos mais extensos do que antes, será um dos resultados naturais.

A experiência alarga, deste modo, o conhecimento, enriquece o nosso espírito e dá, dia a dia, significação mais profunda à vida.

E é nisso que consiste a educação. Educar-se é crescer, não já no sentido puramente fisiológico, mas no sentido espiritual, no sentido humano, no sentido de uma vida cada vez mais larga, mais rica e mais bela, em um mundo cada vez mais adaptado, mais propício, mais benfazejo para o homem (Teixeira, 1978, p. 17).

Resulta, então, que Dewey define a educação como processo de reconstrução e reorganização da experiência, pela qual lhe percebemos mais agudamente o sentido, e com isso nos habilitamos a melhor dirigir o curso de nossas experiências futuras.

Por essa definição a educação é fenômeno direto da vida, tão inelutável como a própria vida. A contínua reorganização e reconstrução da experiência pela reflexão, constitui o característico mais particular da vida humana, desde que emergiu do nível puramente animal para o nível mental ou espiritual (1978, p. 17).

A experiência, portanto, para Dewey, não é algo que se oponha à natureza ou pela qual se experimenta ou se prova a natureza, mas constitui uma fase dela, na qual situação e agente são modificados pela interação. A vida não é mais que um tecido de experiências de todo tipo, pois não podemos viver sem estar permanentemente sofrendo e fazendo experiências, resultando a vida numa interminável aprendizagem. Devido a este fato não se pode separar a vida, a experiência e a aprendizagem, pois vivemos, experimentamos e aprendemos ao mesmo tempo. E a experiência educativa, para Dewey, é nada mais que uma experiência inteligente, que alarga nossos conhecimentos, enriquece nosso espírito e traz um sentido mais profundo a nossa vida. É nisso que consiste a educação: um crescer permanente. E esse contínuo reconstruir, que é a educação, tem por objetivo melhorar a qualidade da experiência atual pela inteligência. Desse modo, ao ser definida por Dewey como processo ou experiência em constante reconstrução, a educação não deve ser confundida com processo de preparação localizado em determinado período da vida, eis que como processo em permanente reconstrução e reorganização perpassa toda a vida, restituindo-a ao seu lugar natural na vida humana como resultado inevitável das experiências.

Como fenômeno social, a educação é vista como necessidade da vida social, pela qual as gerações adultas transmitem às novas gerações as conquistas de sua civilização. É da própria essência da vida a luta para continuar a viver, dado que ela se constitui num processo de autorrenovação. Da mesma forma, a continuação da vida social só pode ser assegurada por um meio de constante renovação: a educação. Ou seja: “A educação é para a vida social aquilo que a nutrição e a reprodução são para a vida fisiológica” (Dewey 1959, p. 10).

E se é pela educação que a sociedade se perpetua e se é pela educação – como já salientamos anteriormente – que as gerações mais velhas transmitem às mais novas as crenças, os costumes, os valores, os conhecimentos e as experiências práticas do cotidiano, então a educação é também o processo pelo qual a criança cresce, se desenvolve e amadurece, e como tal necessita de direção e redireção permanentes.

Com efeito, sendo a educação o resultado de uma interação através da experiência, do organismo com o meio ambiente, a direção da atividade educativa é intrínseca ao próprio processo da atividade. Não pode haver atividade educativa, isto é, um reorganizar consciente da experiência, sem direção, sem governo, sem controle (Teixeira, 1978, p. 22).

Caso contrário não se trataria de uma atividade educativa, mas meramente caprichosa e automática. É por isso que Dewey entende que todo o problema de direção em educação é na verdade um problema de redireção, pois a criança ao aprender a falar não precisa de direção para passar a dominar a língua materna, mas de redireção para corrigir, ajustar, economizar e ordenar suas experiências educativas. A verdadeira educação tem sempre um sentido social de participação e de conquista de um modo de agir comum. Só se ensina e se aprende mediante uma compreensão comum ou de um uso comum. E, embora a língua seja o instrumento por excelência de educação e a educação implique comunicação, a linguagem pode criar a ilusão de que se educa e se transmite conhecimento diretamente pela palavra. Isso não tira, entretanto, a importância da palavra para ajudar a ampliar a experiência e a compreensão comum da realidade. E a escola, como meio organizado intencionalmente pela sociedade para influir moral e mentalmente sobre os seus membros, não deve ser uma oficina isolada para se preparar o indivíduo, “mas o lugar onde, numa situação real de vida, indivíduo e sociedade constituam uma unidade orgânica” (idem, 1978, p. 28), concepção que importa na atribuição da qualidade *progressiva* ao indivíduo e à sociedade. Cabe, pois, concluir que na pedagogia de Dewey “educação não é preparação, nem conformidade. Educação é vida, e viver é desenvolver-se, é crescer. Vida e crescimento não estão subordinados a nenhuma outra finalidade, salvo mais vida e mais crescimento” (p. 31).

A teoria geral de educação de John Dewey, portanto, que concebe a educação e a escola como processos de contínua reconstrução e reorganização da experiência, individual e social, “somente pode ser aceita e conscientemente buscada, por sociedades progressivas ou democráticas, que visem não à simples preservação dos costumes estabelecidos, mas à sua constante renovação e revisão” (Teixeira, 1978, p. 31), pois: “Vive-se aprendendo, e o que se aprende leva-nos a viver melhor. Todo o interesse humano pela educação e pela escola é, fundamentalmente, uma questão de tornar a vida melhor, mais rica e mais bela” (idem, 1978, p. 32). E para conduzir o processo educativo de forma mais adequada importa saber: como aprendemos, como a aprendizagem refaz e reorganiza a nossa vida e em que consiste uma vida melhor, mais rica e mais bela.

Dizer como aprendemos requer antes de tudo superar o dualismo existente entre método e matéria, originário do dualismo platônico da oposição entre ideias e realidade física, ou seja, entre o mundo das ideias e o mundo exterior, e que leva à falsa suposição de que método e matéria são coisas diferentes e independentes. Essa distinção meramente intelectual, entretanto, não tem nenhuma razão de ser na ordem prática, pois o método corresponde ao modo concreto pelo qual a experiência se processa, não se diferenciando nem da experiência nem de seu objeto, ou seja, a matéria. O educador, por isso, deve ter sempre presente a consciência da perfeita unidade do processo da experiência, posto que “método, para nós, não é nenhum conjunto de fórmulas ou regras pedagógicas, mas o modo por que devemos dirigir a vida das crianças para o seu máximo crescimento e máximo aprender” (Teixeira, 1978, p. 33). E se o interesse do homem pela educação existe em função de seu interesse fundamental pela vida, “aprender significa adquirir um novo modo de agir, um novo ‘*comportamento*’. [...]. *Aprender para a vida* significa que a pessoa não somente poderá agir, mas *agirá* do novo modo aprendido, assim que a ocasião que exija este saber apareça” (p. 33). Anísio Teixeira lembra ainda que, conforme Kilpatrick, o que aprendemos passa a ter, dessa forma, uma força propulsiva, pela qual, além de podermos fazer a coisa pelo novo modo aprendido, temos de fazê-la por esse

modo, uma vez que a aprendizagem se fixa intrinsecamente no organismo e dele passa a fazer parte como nova forma de comportamento. Só dessa forma teremos aprendido de fato.

Nesse contexto, segundo a teoria de educação de John Dewey, a aprendizagem, de uma forma tosca, poderia ser resumida na frase: “Só se aprende o que se pratica”. Aprende-se fazendo. Não importa que se trate de uma habilidade, uma ideia, um controle emocional, uma atitude ou uma apreciação, pois só uma experiência de situação real da vida efetiva a aprendizagem. Não basta, contudo, apenas praticar: há que ser uma experiência consciente ou intencional de adquirir um novo modo de agir. A escola, por isso, não pode ser um lugar onde são estudados fatos e habilidades mecânicas predeterminadas em programas fixos, pois isso excluiria a oportunidade de aprender aquilo que de fato é importante para a vida do aluno. A escola tem de transformar-se num meio de experiências reais ou num lugar de vida real, e não um espaço artificial, separado e isolado da sua própria vida e da sociedade em que está inserida.

Ademais, não se aprende apenas o que se pretende. Aprende-se por associação, pois as coisas vêm associadas com o objetivo mais claro da atividade que se quer desenvolver. Desconsiderar isso na atividade educativa implicaria desprezar, por vezes, coisas mais importantes que o próprio objetivo do ato de ensinar. Não se aprende nunca uma coisa só, pois ao aprender uma coisa, várias outras são juntamente aprendidas. Aliás, em qualquer experiência, quando a atenção se move para determinado fato, de forma mais ou menos viva, segundo Kilpatrick, duas ou três diferentes aprendizagens estão sendo adquiridas concomitantemente. Elementos de tal importância para a vida não podem ser desprezados pelo educador e tampouco a escola pode deixar de levar em conta tais aprendizagens para se organizar. Enfim, toda a aprendizagem deve ser integrada à vida. Deve ser adquirida em uma experiência real de vida, ou seja, o que for aprendido deve ter o mesmo lugar e função que tem na vida. Se o aluno não vê nenhuma relação da matéria em estudo com sua vida presente ou com qualquer empreendimento em que esteja envolvido, não terá motivo para se esforçar. Não tendo motivo, não pode ter desejo, vontade ou

intenção de aprender, pois não irá assimilar ativamente a matéria, integrando-a em sua vida. O que se aprende isoladamente de fato não se aprende. Tudo deve ser ensinado tendo em vista o seu uso e função na vida. A aprendizagem deve ser integrada à vida, isto é, adquirida em uma experiência real de vida. A escola deve adotar como unidade de seu programa a priorização da experiência real ao invés de lições isoladas, se deseja atingir sua finalidade (Teixeira, 1978, p. 37-38).

A teoria de educação de John Dewey, enfim, pretende recolocar a aprendizagem em seu lugar natural que ocupa na vida. Para ele educação é vida, e não preparação para a vida. A educação existiu muito antes que as escolas e, mesmo com o surgimento destas, as pessoas recebem educação antes de ir para a escola, fora dela e depois dela, e certamente bem mais importante do que aquela oferecida nos curtos ou longos anos escolares. Importa, portanto, que nos voltemos para a vida e para ver como o que aprendemos pode ajudar-nos a refazer e reorganizar a nossa própria vida. O ato de aprender, segundo Kilpatrick, tem de ser intrínseco à vida e estar em função do processo de viver. A aprendizagem escolar, no entanto, é geralmente extrínseca à vida, isto é, não tem relação com ela, nem visa a resolver problemas ou dificuldades que o aluno esteja enfrentando. E o critério adotado por Kilpatrick para julgar o ensino é exatamente este: se a aprendizagem escolar for intrínseca, então a aprendizagem é boa e sã. E a criança aprende, reorganiza e reconstrói sua vida quando amplia sua experiência anterior, supera a dependência dos outros, torna-se mais responsável, mais emancipada e mais gente que antes. É exatamente isso a reconstrução da experiência que, conforme Dewey, define a educação. Resulta, então, que “A escola é a instituição pela qual a sociedade transmite a ‘experiência adulta’ à criança.[...] O saber acumulado da espécie *estimula* pois a aprendizagem e *fornece os meios e modelos* pelos quais pode vir a ser adquirida” (Dewey, 1978, p. 39).

A teoria deweyana, portanto, longe de banir a experiência da espécie, faz dela seu fulcro principal e muito menos entende que ela deva ser adquirida exclusivamente de forma espontânea pela criança. O professor é elemento

essencial da situação de aprendizagem do aluno, pois seu papel é, exatamente, o de orientar, guiar e estimular a atividade através dos caminhos do saber e da experiência já conquistados pelo adulto.

Como já destacamos, para Dewey o fim da educação não é vida completa, mas vida progressiva e em permanente mudança, vida em constante ampliação, em constante ascensão, entendendo mais educação. Esse ideal é não somente individual, mas também, como social. Isto é, o máximo desenvolvimento de cada um dirigido de modo que se assegure o máximo desenvolvimento de todos. Tal desenvolvimento progressivo e permanente constitui, para Dewey, a essência da vida perfeita (1978, p. 41). Ou seja, o objetivo da educação para ele é mais educação, que habilite os indivíduos a continuar sempre mais sua educação, permitindo-lhes desenvolver-se permanentemente. E mais educação significa maior capacidade para pensar, comparar e decidir com mais acerto e convicção. De outra forma não há liberdade, pois para Dewey somos livres na medida em que agimos sabendo o que queremos obter.

E essa é a base tanto de sua concepção educacional quanto de sua construção filosófica. Ter propósitos claros e bem estruturados é um bem em si mesmo e viver em liberdade implica projetar e realizar seus projetos. Por isso, Dewey não só teve em vista uma compreensão finalista da educação como também lutou por ela, mas numa concepção dinâmica e voltada à cooperação e ao entendimento social. Então, se a educação de Dewey enfatiza a atividade com o fim em vista, não há como negar que seja finalista. Aliás, é sobre este eixo do pensamento educativo de Dewey que escreve um de seus mais importantes discípulos e seguidores e um dos mais destacados pedagogos contemporâneos, William Kilpatrick, em seu livro *Educação para uma Civilização em Mudança* (1978).

Aranha (1998, p. 171) igualmente sustenta que a Pedagogia de Dewey, posta em prática por Kilpatrick, é rica em aspectos inovadores e sua principal marca que é a valorização da sociedade democrática, da experiência empírica e das conquistas das ciências e, por isso mesmo, volta-se contra a escola tradicional, tecendo efetivamente severas críticas à educação tradicional e, so-

bretudo, à predominância do intelectualismo e da memorização, rejeitando a educação pela instrução defendida por Herbart e opondo-lhe a educação pela ação. Para Dewey, o fim da educação não é formar a criança de acordo com modelos preconcebidos nem orientá-la para uma ação futura, mas dar-lhe condições para que resolva por si própria seus problemas. Dewey ressalta a noção central de experiência, concluindo que a escola não pode ser uma preparação para a vida: ela é a própria vida! Em razão disso, vida-experiência-aprendizagem não podem estar separadas, pois a função da escola está em possibilitar a reconstrução continuada que a criança faz da experiência. Daí a educação progressiva, defendida por Dewey, que se resume exatamente no crescimento progressivo e permanente de nossa vida na medida em que aumentamos o conteúdo da nossa experiência e o controle sobre ela. Dewey desenvolveu, ainda, valiosas reflexões relativas ao interesse, tentando superar a velha oposição entre interesse e esforço, e interesse e disciplina. O esforço e a disciplina são para ele resultantes do interesse. Para tanto, dá especial realce às atividades manuais, haja vista que abrangem problemas concretos a serem resolvidos. Além disso, entende que o trabalho desenvolve o espírito de comunidade, da mesma forma que a divisão das tarefas estimula a cooperação e o espírito social. Ao contrário da educação tradicional, que valoriza a obediência, a teoria pedagógica de Dewey estimula o espírito de iniciativa, a independência, a autonomia e o autogoverno como virtudes de uma sociedade democrática.

Marcado pelos efeitos da Revolução Industrial e pelo ideal da democracia, Dewey quer preparar o aluno para a sociedade do desenvolvimento tecnológico e para a vida democrática. A escola se torna o instrumento ideal para estender esses benefícios a todos, indistintamente, isto é, a educação teria a função democratizadora de equalizar as oportunidades (Aranha, 1998, p. 171).

Da mesma forma, um dos mais importantes colaboradores de Dewey, William Kilpatrick, igualmente se preocupa sobretudo com a formação para a democracia em uma sociedade em constante processo de mudança. Vale, a propósito, ressaltar que o papel desempenhado por John Dewey no estabeleci-

mento de diretrizes para a adoção das ideias da Escola Nova, a partir dos pressupostos filosóficos do pragmatismo, foi de extrema importância. E neste sentido entende Tomazetti que, também aqui no Brasil,

a concepção filosófica de educação e de sociedade que sustentou o ideário escolanovista e, em grande parte, a filosofia da educação de Anísio, caracterizada por um humanismo tecnológico, marcou uma ruptura com a tradição filosófica humanista-cristã. A fundamentação pragmática da educação e dos valores que deveriam ser apresentados e vivenciados na escola foi feita a partir da filosofia de John Dewey e da sociologia de Durkheim. As idéias destes dois autores possibilitaram aos intelectuais e educadores renovadores compreender o processo de modernização da sociedade brasileira e, conseqüentemente, a necessidade de um novo ensino e de uma nova escola. À democracia, à liberdade e à ciência como valores da sociedade moderna correspondia um estudo científico dos problemas educacionais brasileiros, abandonados, até então, a sua própria sorte. Juntamente com uma nova concepção de educação e dos meios para alcançá-la, o ideário renovador apresentava claros princípios filosóficos, ou como mais comumente se denomina, uma nova filosofia da educação (Tomazetti, 2000, p. 17-18).

Cumpre, no entanto, ressaltar que o ideário escolanovista, desenvolvido no Brasil a partir de 1920, e o movimento dos Pioneiros da Escola Nova de 1932, não foram inspirados unicamente na concepção deweyana, pois houve também um escolanovismo taylorista e funcionalista, enfatizando a eficiência dos procedimentos escolares, a adequação do indivíduo à sociedade e o positivismo científico, fazendo com que alguns educadores voltassem o olhar para os avanços da sociedade capitalista como alvo final e superior do desenvolvimento humano. Logicamente não foi este o caso de Anísio Teixeira, cujo ideário renovador e inspiração liberal-pragmatista são essencialmente deweyanos e igualitaristas como as do mestre americano. Aliás, o pragmatismo de John Dewey é, para Anísio Teixeira, antes de tudo uma Filosofia social e política ou uma teoria geral da educação fundada na democracia.

Vale, então, ao concluir, reiterar com Bryan Magee que John Dewey

se entremeou em sua concepção de democracia, com a qual estava profundamente comprometido, e sobre a qual escreveu muito. Sustentava que a educação das crianças devia basear-se na abordagem de solução dos problemas – o que chamou

de “aprender fazendo”, porque ela combinava ser prático com tomar plena ciência da importância da teoria, e que encorajava as crianças a serem imaginativas em ambos os níveis, e sobretudo porque as treinava numa competência geral em todos os campos da atividade humana. [...] Foi um dos primeiros grandes modernistas em teoria da educação, e talvez o melhor (1999, p. 191).

Enfim, John Dewey e William Kilpatrick representam, a nosso ver, a influência pragmatista mais marcante e significativa no Brasil, principalmente através de Anísio Teixeira, não apenas por suas concepções de filosofia, sociedade, educação, ciência e democracia, mas principalmente pela sua filosofia da educação.

## Referências

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *História da educação*. São Paulo: Moderna, 1998.
- CUNHA, Luiz Antônio. In: TEIXEIRA, Anísio. *Educação para a Democracia: introdução à administração escolar*. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- CUNHA, Marcus Vinícius da. *John Dewey: uma filosofia para educadores em sala de aula*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Para ler Democracia e Educação de John Dewey*. Disponível em: <<http://www.filosofia.pro.br/textos-ler-dewey.html>>. Acesso em: 3 jan. 2002.
- DEWEY, John. *Democracia e educação: introdução à filosofia da educação*. 3. ed. Trad. Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. São Paulo: Nacional, 1959.
- \_\_\_\_\_. *Experiência e Educação*. Tradução de Anísio Teixeira. 11. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978.
- KILPATRICK, William Heard. *Educação para uma civilização em mudança*. São Paulo: Melhoramentos, 1978.
- MAGEE, Bryan. *História da Filosofia*. São Paulo: Loyola, 1999.
- REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da Filosofia: do Romantismo até nossos dias*. São Paulo: Paulus, v. III, 1991.
- TEIXEIRA, Anísio. A Pedagogia de Dewey. In: DEWEY, John. *Vida e educação*. 10. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978.
- \_\_\_\_\_. Apresentação. In: DEWEY, John. *Democracia e educação: introdução à filosofia da educação*. 3. ed. Trad. Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. São Paulo: Nacional, 1959.
- TOMAZETTI, Elisete M. Anísio Teixeira: alguns apontamentos em comemoração ao centenário de seu nascimento. In: *Revista Educação*, Santa Maria, v. 25, n. 2, 2000.

Recebido em: 23/7/2009

Aceito em: 8/8/2009